



Grupo 9

2023

Roteiro para elaboração do Plano de Intervenção Estratégico (PIE)

PARTE A

I - Identificação

Título: Socialização e adaptação do sujeito com deficiência visual

Identificação do grupo

Nome	Função	Local de trabalho
Adriana Marin		EMEF Fredolino Chimango
Tatiana Gonçalves		EMEF Notre Dame
Vera Mazuco	Sala de Recursos	EMEF Daniel Dipp
Edilce		EMEF Dyógenes Martins Pinto
Michele de Ramos	Sala de Recursos	EMEF Senador Pasqualini
Amalia Marques	Professora titular	EMEI Fadinha

II - Análise e Descrição Contextual

1. Descrição do Contexto: Estamos desenvolvendo um Plano de Intervenção para uma escola inclusiva situada no centro de uma cidade de médio porte na região Sul do Brasil. A população local é diversa em termos socioeconômicos, com uma representatividade significativa de famílias de classe média e baixa. A escola tem como objetivo promover a inclusão de alunos com deficiência visual, oferecendo-lhes recursos e suporte adequados para garantir uma educação de qualidade.



2. Perfil dos Estudantes: Os estudantes da escola têm idades entre 4 e 5 anos e um dos sujeitos apresenta diagnóstico de deficiência visual. Possui cegueira total. Além disso, o aluno tem apresentado suas próprias necessidades, motivações e desafios específicos relacionados à deficiência visual.

3. Dados de Identificação da Escola: EMEI Fadinha Passo Fundo é estruturada no projeto do Pró Infância, do Governo Federal, constituída por 4 salas de aula, uma sala de informática que foi adaptada e hoje é uma sala de aula, três banheiros infantis, 4 banheiros para adultos, hall de entrada e saguão, sala de depósito de jogos, sala dos professores, lactário, dispensa de para alimentos da cozinha, cozinha, lavanderia, sala de direção e coordenação. Nossa sala de recursos ainda não saiu do papel, estamos aguardando autorização da Ceplan para fazer as mudanças necessárias.

4. Localização: A Escola fica localizada na cidade de Passo Fundo, no Bairro Donária, num bairro da periferia, onde a situação socioeconômica é baixa, com casos de vulnerabilidade social, ao lado fica situada a Unidade Básica de Saúde da comunidade. O bairro conta com três linhas de ônibus, distantes do centro da cidade. Para chegar ao bairro é necessário atravessar a perimetral, onde para acessar se faz necessário atravessar um trevo de acesso bastante movimentado, principalmente em alguns horários de maior fluxo.

5. Abordagens Pedagógicas: A Educação Infantil se configura como a primeira etapa da Educação Básica, ou seja, é nela que o processo educativo formal tem início. Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular traz uma orientação acerca do currículo para esse nível de ensino, com foco nos eixos estruturantes, direitos de aprendizagem e campos de experiência.

Essa reestruturação curricular contempla todo potencial infantil, entendendo-a como protagonista do seu processo de aprendizagem por meio dos eixos estruturantes a) Interações; b) Brincadeiras, que traduzem a forma como a criança consolida seu conhecimento, garantindo os direitos de aprendizagem e desenvolvimento conforme a BNCC que são: Conviver, Brincar, Participar, Explorar, Expressar e Conhecer-se e



com um planejamento sustentado nos Campos de Experiência: O eu o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

6. Profissionais: A equipe é composta por 10 professores, 1 assistente de ed. Infantil, 3 auxiliares de ed. Infantil, 1 coordenadora com 10h, 1 diretora, 2 cozinheiras, 2 serventes, 1 monitora que atende as crianças com necessidades especiais, com regime semanal de 30h, sendo 15h no turno da manhã e 15h no turno da tarde.

7. Histórico: A Escola Municipal de Educação Infantil Fadinha tem um histórico de compromisso com a inclusão e busca constantemente melhorar suas práticas pedagógicas e recursos oferecidos aos alunos com deficiência visual. O serviço de educação especial está inserido no Projeto Político Pedagógico da escola, garantindo a participação ativa dos alunos com deficiência visual em todas as atividades escolares.

Ao finalizar a análise contextual, teremos uma visão clara e compreensiva do ambiente escolar, dos alunos e dos profissionais envolvidos. Isso facilitará a tomada de decisões e a elaboração de um Plano de Intervenção Estratégico eficiente e personalizado, utilizando os Lego Braille Bricks como recurso pedagógico para auxiliar no desenvolvimento dos alunos com deficiência visual.

III - Tema

Orientação e Mobilidade:

O tema foi escolhido devido a turma possuir um aluno com deficiência visual total e estar em adaptação na escola, pois nunca havia frequentado escola antes. Passou a frequentar a escola no início do mês de outubro de 2023. E a adaptação está sendo realizada de forma lúdica e cautelosa, pois o aluno apresenta muita resistência na realização das atividades. Afinal independente de sua condição física é uma criança como as demais, que anseiam por brincar, conviver, aprender outras



realidades que não só a de sua família. Ele também precisa de amigos, identificar-se com os outros, enriquecer o vocabulário e interagir. A escola tem trabalhado de maneira que o aluno com deficiência visual total, consiga se familiarizar em cada ambiente que é inserido para que consiga construir um mapa mental do ambiente através da orientação e mobilidade.

Orientação: Habilidade do indivíduo para perceber o ambiente que o cerca, estabelecendo as relações corporais, espaciais e temporais com esse ambiente através dos sentidos remanescentes. A orientação do deficiente visual é alcançada através da utilização da audição, aparelho vestibular, tato, consciência cinestésica, olfato e visão residual no caso de pessoas portadoras de baixa visão.

- Mobilidade: Capacidade ou estado inato do indivíduo de se mover reagindo a estímulos internos ou externos, em equilíbrio estático ou dinâmico. A mobilidade do deficiente visual é alcançada através de um processo ensino-aprendizagem e de um método de treinamento que envolve a utilização de recursos mecânicos, ópticos, eletrônicos, animal (cão-guia) em vivências contextualizadas, favorecendo o desenvolvimento das habilidades e capacidades perceptivo-motoras do indivíduo.(FELLIPE e FELLIPE, 1997, p. 13)

Para uma criança que nasce cega, o que são considerados sentidos remanescentes? São os sentidos que envolvem as percepções não visuais, como a audição, o tato (todo o sistema háptico, não somente as mãos), o olfato, a cinestesia, a memória muscular e o sentido vestibular. O professor, quando vai ensinar orientação a criança cega, deverá se ater a três questões:

- Onde estou?
- Para onde quero ir? (Onde está o meu objetivo)?
- Como vou chegar ao local desejado?

Para uma orientação eficiente, que proporcione uma mobilidade segura, é necessário que todos os outros sentidos estejam ativos e participantes. A visão tem



o papel de estruturar todas as outras percepções em um todo significativo. Mas a falta dela não significa que nada mais vai fazer sentido. É necessário somente que se ajude a pessoa com deficiência visual a compreender a função de cada uma das outras percepções e de usá-las em seu favor, mesmo que às vezes alguma informação se perca irremediavelmente. O importante é extrair o máximo das outras percepções sensoriais, que são, segundo Lora: “a audição que envolve as funções de ecolocalização, localização dos sons, escutar seletivamente e sombra sonora; o sistema háptico ou tato ativo; a cinestesia; a memória muscular; o sentido vestibular ou labiríntico; o olfato e o aproveitamento máximo de qualquer grau de visão que possa ter.” (LORA, 2003, p. 58)

Quando se vai planejar uma aula de OM, deve-se levar em conta não somente a idade cronológica, mas sim em que ponto de desenvolvimento está este aluno em particular. Quais de suas experiências anteriores conseguiu desenvolver com sucesso? De que ponto deve-se partir?

Agindo dessa maneira não se corre o risco de a atividade não ser significativa e não chegar ao objetivo proposto.

Segundo BRUNO (1993): Contestamos os argumentos da necessidade de maturação ou “prontidão”, de condições cognitivas e motora para a utilização da bengala. Ao nosso ver esta é uma questão de aperfeiçoamento pelo uso e função do instrumento de locomoção. Temos observado que a utilização precoce da bengala, além de proporcionar movimentos mais espontâneos, ajuda na organização postural, na flexibilidade e controle de movimentos, diminuindo a tensão e insegurança. Torna-se também instrumento de exploração do espaço, possibilitando maior percepção do meio, a internalização e aquisição de conceitos. [...] Julgamos de fundamental importância a introdução da bengala o mais cedo possível para que a criança possa naturalmente incorporá-la à sua auto imagem, desenvolvendo uma relação positiva, significativa e funcional com este instrumento que vai ajudá-la a fazer grandes descobertas e conquistar a sua independência. E para sua família conseqüentemente, deixará de ser o objeto símbolo da cegueira, para tornar-se o instrumento de independência e autonomia. (BRUNO, 1993, p. 111)



Concordando com a citação acima, no que se refere ao uso de bengala, a criança precisa manuseá-la e usá-la em seu favor, desde seus primeiros passos. Existem bengalas adaptadas para crianças pequenas, as chamadas pré-bengalas, de vários modelos e o professor deve encontrar a mais adequada ao aluno.

Desta forma justificamos o tema proposto, e julgamos ser de extrema importância uma vez que a turma escolhida tem colaborado muito na adaptação do aluno com deficiência visual, instigando, interagindo e inserindo o mesmo nas brincadeiras, rodas de canções, hora das refeições, parquinho e demais atividades.

IV. Objetivos

Objetivo geral:

- Desenvolver parceria entre os docentes da classe regular e demais membros da escola.
- Estabelecer estratégias de ensino e recursos para alunos com deficiência visual total.

Objetivos específicos:

- Trabalhar questões relacionadas à deficiência visual total, com todos os envolvidos no contexto escolar, social e familiar;
- Identificar e estabelecer formas de minimizar as barreiras físicas e acessibilidade no ambiente escolar;
- Preparar o espaço escolar e os recursos necessários, para o atendimento, promovendo o acolhimento e a interação social;
- Proporcionar recursos didáticos e pedagógicos acessíveis, utilizando o Lego Braille Bricks como ferramenta de aprendizado e diversão.

V – Conteúdo

LINGUAGEM: Oral (narração de fatos do dia-a-dia, ampliação do vocabulário, música, histórias).



NATUREZA E SOCIEDADE : A criança e o grupo (integração, reconhecimento, cooperação, identidade).

PSICOMOTRICIDADE AMPLA: Coordenação dos movimentos corporais; Equilíbrio estático e dinâmico;

PSICOMOTRICIDADE FINA: Dissociação das mãos, pulsos e dedos; Coordenação viso-motora; Constância de percepção; Movimento de pinça; Orientação espacial.

MÚSICA: Apreciação musical; Percepção auditiva, rítmica e melódica; Expressão corporal; Concentração; Conhecimento e reprodução de canções; Exploração do som e suas qualidades; Bandinha e Cora

PARTE B

VI - Desenvolvimento do tema

1. Conhecer a turma e o aluno com deficiência visual total.
2. Proporcionar atividades lúdicas musicais, que desenvolvam o ritmo, a imaginação, a linguagem e a expressão corporal.
3. Proporcionar atividades diversas de manuseio de sucatas. Ex: abrir e fechar potes.
4. Realizar passeios nas dependências e no entorno da escola.
5. Permitir que os alunos manipulem as peças dos Lego Braille Bricks, explorando suas formas, texturas e encaixes.
6. Realizar atividades de construção básica, como empilhar as peças para formar estruturas simples, incentivando a coordenação motora e a percepção espacial.
7. Construções criativas e representações: Estimular a criatividade dos alunos com deficiência visual, encorajando-os a criar suas próprias construções e representações utilizando os Lego Braille Bricks; Propor desafios de construção com temas específicos, como animais, objetos do cotidiano e personagens, permitindo que os alunos utilizem as peças para expressar suas ideias e imaginação.



8. Atividades colaborativas: Promover atividades colaborativas entre os alunos com deficiência visual e seus pares, envolvendo-os em projetos de construção em grupo; estimular a troca de conhecimentos e experiências, incentivando a cooperação e a inclusão entre todos os alunos.
9. Promover uma discussão sobre a importância do sistema Braille na comunicação e na inclusão de pessoas com deficiência visual.
10. Estimular a troca de conhecimentos e experiências, incentivando a cooperação e a inclusão entre todos os alunos.

VII - Recursos didáticos

Para a realização de atividades os materiais e recursos devem ser caracterizados na intencionalidade de envolvimento do sujeito na situação de aprendizagem, sempre com auxílio de um mediador para facilitar este processo que perpassa professor, aluno e aprendizagem. Sendo assim serão utilizados o lego braille, materiais com texturas diferenciadas, potes com tampas, brinquedos sonoros, piscina de bolinha, aparelho de som e brinquedos infláveis.

Para a realização de atividades relacionadas ao processo de motricidade ampla, utilizaremos tapetes sensoriais, na intencionalidade de diferenciar as mais diversificadas texturas e sensações, como quente, frio, menor, maior. Parquinho, cavalinhos de plástico. Brinquedos para brincar na areia.

VIII - Avaliação

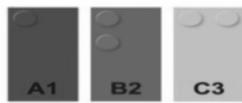
1. Avaliação formativa:

- Realizar observações e registros durante as atividades com os Lego Braille Bricks, identificando o progresso e as dificuldades do aluno com deficiência visual.

2. Autoavaliação:

- Incentivar os alunos com deficiência visual a refletirem sobre seu próprio progresso e aprendizado, estimulando a autoconfiança e a autonomia.

3. Avaliação compartilhada:



Programa
**BRILLE
BRICKS**



- Promover momentos de compartilhamento e apresentação das construções e representações criadas pelos alunos com deficiência visual, permitindo que eles mostrem seu trabalho aos colegas e recebam feedback positivo.

4. Revisão e ajustes:

- Realizar reuniões periódicas com a equipe pedagógica e os profissionais envolvidos para analisar os resultados da avaliação, compartilhar experiências e fazer ajustes nas estratégias de intervenção, se necessário.

V - Avaliação e Monitoramento (já estabelecido)

Com base nesse roteiro, é possível elaborar um Plano de Intervenção Estratégico detalhado, definindo as atividades, os recursos necessários, as responsabilidades e os prazos para cada etapa do plano. A avaliação contínua e o monitoramento garantirão o acompanhamento do progresso e o ajuste das estratégias de intervenção, visando alcançar os objetivos estabelecidos.

IX - Cronograma

12 a 18 /09	Formação dos grupos
03 a 09/10	Atividade 6 - elaboração da Parte A do PIE
10 a 16/10	Atividade 7 - elaboração da Parte B do PIE
17 a 23/10	Ajustes no PIE

X – Referências

Bruno, M. M. G. (1993). O desenvolvimento integral do portador de deficiência visual: da intervenção precoce à integração escolar. São Paulo, SP: Newswork.



Programa
**BRILLE
BRICKS**



unesp
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

Unoeste

LORA, T. D. P. *Descobrimo o real papel das outras percepções, além da visão, para a orientação e mobilidade. In: MACHADO, E. V. et al. Orientação e mobilidade: conhecimentos básicos para a inclusão do deciente visual. Brasília: MEC, SEESP, 2003*

PARTE C

XI - Registro da execução de uma ou mais etapas





Programa
**BRILLE
BRICKS**

